

# À memória de Edward Titchener: Uma questão historiográfica, versões e controvérsias

To the memory of Edward Titchener: A historiographical question, versions and controversies

Luciano Fiscina

 <https://orcid.org/0000-0001-8927-9404>

Universidade Estadual Paulista  
Brasil

## Resumo

Estudo de epistemologia nos domínios da historiografia da psicologia. Adotamos como objeto a psicologia experimental de Edward Titchener com a hipótese de que o seu projeto de pesquisa contém uma epistemologia própria no quadro da história da psicologia. Indaga-se, então, a memória titcheneriana pós-Titchener, tornando-se o capítulo de uma historiografia que o colocou às margens da psicologia moderna. O objetivo geral consiste em realizar um exame epistemológico de sua ciência experimental. O objetivo específico visa uma restauração historiográfica da conjuntura histórica do seu pensamento científico. Para isso, apresentamos uma metodologia em três níveis de análise: (i) a reconstituição historiográfica; (ii) a reconstituição epistêmica (iii) a reconstituição prosopográfica de sua disciplina de psicologia experimental. Buscamos, assim, retomar o papel social de um dos obstáculos epistemológicos mais duros da história da psicologia, que por isso mesmo teria impulsionado os novos caminhos da psicologia moderna.

**Palavras-chaves:** teorias e sistemas da Psicologia; Edward Titchener; história da psicologia.

## Abstract

Study of epistemology in the domains of the historiography of psychology. Our object is the experimental psychology of Edward Titchener under the hypothesis that his research project contains its own epistemology within the framework of the history of psychology. Titchener's post-Titchenerian memory is then questioned, becoming the chapter of a historiography that placed him on the margins of modern psychology. The general objective is to carry out an epistemological examination of his experimental science. The specific objective aims at a historiographical restoration of the historical context of his scientific thought. To this end, we present a methodology in three levels of analysis: (i) historiographical reconstitution; (ii) epistemic reconstitution; (iii) prosopographical reconstitution of his discipline of experimental psychology. We seek to recapture the social role of one of the toughest epistemological obstacles in the history of psychology, which for this very reason would have driven the new paths of modern psychology.

**Keywords:** theories and systems of Psychology; Edward Titchener; history of psychology.

Este é um estudo de epistemologia da psicologia experimental de Edward Titchener (1867-1927). Indagamos sobre a memória titcheneriana pós-Titchener, tornando-se o capítulo de uma historiografia que o colocou às sombras de Wilhelm Wundt e às margens da história da psicologia moderna. Num contexto de paradigmas divergentes, evolucionismo, funcionalismo, behaviorismo, conexionismo, gestaltismo, todas essas escolas, de alguma forma, se sintonizaram com as regras do novo espírito científico moderno (Bachelard, 1996), que tornou possível a coexistência de diferentes paradigmas (Kuhn, 2013). Essas abordagens se distanciam dos estudos de consciência imediata, do introspectionismo sistemático e da busca do átomo fundamental da consciência. Assim, devemos considerar que a tradição da Gestalt em Wurzburg e os trabalhos de Wundt em Leipzig estavam mais em sintonia com a psicologia de William James na Universidade de Harvard e com John Dewey, por exemplo, na Universidade de Chicago, do que com o laboratório titcheneriano na Universidade de Cornell. Enquanto isso, Edward Titchener em vida e obra constitui um obstáculo epistemológico (Bachelard, 1996) para o espírito científico da psicologia moderna, mas não foi esse o aspecto que levou à homogeneização de sua memória e do seu trabalho na historiografia da psicologia. Temos como hipótese geral que a construção da sua obra vai assumir um mecanismo epistêmico próprio na história da psicologia experimental, cuja tradição remonta ao realismo empírico, à primazia do conceito de extensão e à natureza espacial da consciência. Nesse sentido, nossa hipótese específica recai sobre o papel social de um dos obstáculos epistemológicos mais duros e impermeáveis da história da psicologia, que por isso mesmo teria impulsionado os novos caminhos da psicologia moderna.

Enquanto explode nas terras estadunidenses o método explicativo e interpretativo acerca das experiências humanas, Titchener mantinha-se devoto ao seu projeto de psicologia experimental, sincronizado com uma abordagem atomística da consciência. Mas não podemos dizer que o aspecto epistêmico responde a nossa pergunta. Sabemos que, na historiografia da psicologia, o naturalismo epistemológico titcheneriano, ligado ao idealismo britânico de Oxford, onde Edward Titchener se formou, desapareceu, gradualmente, na *geistwissenschaften* wundtiana. Sobre essa questão fundamental e polêmica, recorrente em importantes trabalhos (Evans, 1973, Myers, 1928), mais recentemente, no artigo de Araujo e Marcellos (2017), as nossas hipóteses consideram que a filosofia da ciência do sistema de psicologia do nosso autor nos leva a uma reconstituição das características nacionalistas de sua psicologia experimental e às relações conflituosas de uma psicologia europeia superior, de *cara germânica*, mas de *coroa inglesa*. Uma asserção que parece cair bem na seguinte passagem de Bachelard (1996), quando a “substância de um objeto é aceita como um bem pessoal” (p. 163).

Assim sendo, as concepções titchenerianas da mente poderiam ser denominadas de obstáculos epistemológicos (Bachelard, 1996), na totalidade da história da psicologia. Com base nessa perspectiva, buscamos em Thomas Kuhn (2013)

parâmetros para uma análise da dinâmica institucional da psicologia moderna. Em Bachelard (1996, 1970), retomamos a formação do espírito científico nos domínios da nova síntese epistemológica do séc. XX, que Edward Titchener não incorpora em seu projeto de ciência.

Nesse contexto de problematização, nosso objetivo geral consiste em realizar um exame epistemológico de sua ciência experimental. O objetivo específico visa uma restauração historiográfica da conjuntura histórica do seu pensamento científico. Para tal realização, apresentamos uma metodologia em três níveis de análise: (i) a reconstituição historiográfica; (ii) a reconstituição epistêmica (iii) a reconstituição prosopográfica da disciplina de psicologia experimental. A primeira linha busca restaurar a identidade epistêmica do sistema titcheneriano na história da psicologia. Trata-se, assim, de uma reconstituição histórica, buscando “(...) transformar a informação contida na fonte do passado para o presente, a fim de torná-la compreensível num contexto contemporâneo” (Kragh, 1987 p. 148). Essa linha de análise é realizada por meio da reconstituição historiográfica como processo metodológico da crítica histórica à homogeneização de E. Titchener na historiografia positivista da história da psicologia. A segunda linha de análise situa o campo do conhecimento estudado, que tratará do projeto de psicologia experimental de E. Titchener em busca da forma, do conteúdo e do sentido dos seus originais. Essa linha de análise servirá como ilustração epistêmica do sistema titcheneriano, e do lugar conceitual que sua filosofia da ciência ocupa na história da ciência moderna. A terceira linha da análise é institucional com base no método da prosopografia absorvido na história da ciência (Kragh, 1987) de fundamental relevância para esta pesquisa. A ênfase do método prosopográfico é ampla e, nesse sentido, dentre suas aplicações, vamos priorizar o estudo da disciplina científica de psicologia experimental desenvolvida na Universidade de Cornell (EUA). “Neste gênero, o interesse reside em saber como se origina uma determinada disciplina científica, como se desenvolve e desintegra, por exemplo; como é a estrutura social da disciplina; qual a sua base paradigmática” (Kragh, 1987, p. 139). Como apoio para esta análise, vamos nos servir da teoria da ciência moderna de Thomas Kuhn (2013) e de Gaston Bachelard (1996, 1970). De Thomas Kuhn (2013), tomamos emprestado o conceito de paradigma, que se instala a partir de um contexto político, social, cultural e científico, que pode entrar em crise numa situação de anomalia, isto é, quando o paradigma da ciência normal torna-se insuficiente para dar conta dos fenômenos observados, desembocando uma crise paradigmática. No entanto, o que Khun (2013) chamou de paradigma para Gaston Bachelard é um obstáculo epistemológico. Assim, disse Bachelard (1996): “Percebe-se a diferença entre o ofício de epistemólogo e o de historiador da ciência” (Bachelard, 1996, p. 22). Se o historiador da ciência deve tomar as ideias como se fossem fatos, o epistemólogo deve tomar os fatos como se fossem ideias, organizando-as num sistema de pensamento. Com efeito: “Um fato mal interpretado por uma época permanece, para o historiador, um fato. Para o

epistemólogo, é um obstáculo, um contra-pensamento” (Bachelard, 1996, p. 22). De Gaston Bachelard (1996), tomamos a noção de obstáculo epistemológico referente ao que obstrui o avanço do espírito científica, que ganha uma dimensão de profundidade no séc. XX para além do privilégio dado à qualidade de extensão. Se a transição da mecânica newtoniana para a quântica evocou muitos debates a respeito da natureza e de uma nova teoria do conhecimento com ênfase no observador, indo além do refluxo racionalismo e empirismo, E. Titchener é o último dos “Newtons”, na história da psicologia moderna, que não cedeu em nenhum momento em incluir os significados da experiência, e o conceito de duração, na unidade atomista da sensação, o que Chicago, Harvard, Leipzig e Wurzburg vinham fazendo, e os duelos vão ocorrer de maneira acirrada ao longo de toda a sua carreira em Cornell. Diz Rand Boyd Evans (1973): “Se Titchener tivesse experimentado um amolecimento do coração em relação à psicologia do ato, ele certamente teria considerado uma revisão de suas críticas no *Prolegômenos*” (p. 178). Em seu artigo de 1898, Edward Titchener escreve: “Brentano define psicologia como a ciência dos fenômenos psíquicos. O termo pode facilmente ser enganoso: pois os fenômenos em questão estão muito longe de serem aparências (...) o fenômeno psíquico é ativo, é uma sensação” (p. 114).

Como um homem inglês em terras americanas, foi, então, se isolando em seu próprio projeto de psicologia. Sendo o caso Titchener uma história de resistência psicológica às virtudes filosóficas da nova ciência moderna, procuraremos, neste artigo, reconstituir o obstáculo titcheneriano nas primeiras tradições da história da psicologia. Começamos, então, essa investigação sabendo que nosso autor não conjecturou a possibilidade de criticar o substancialismo da sensação e o realismo imediato, em pleno contexto do novo pensamento científico abstrato.

### A reconstituição historiográfica

Saulo de Freitas Araújo e Cintia Fernandes Marcellos (2017) ressaltam que desde a primeira edição do *Outline of Psychology*, publicada, originalmente, em 1896, Titchener se afasta do idealismo britânico e de Rudolf Hermann Lotze (1817-1881). “Até agora, nenhuma atenção foi dada na literatura a esta mudança de mente, que precisa de mais investigação” (Araújo & Marcellos, 2017, p. 22). Os autores também levantam um segundo problema historiográfico, pois que, em seu *Text-Book of Psychology*, publicado no ano de 1910, Titchener apresenta posicionamentos epistemológicos, significativamente diferentes em relação à primeira edição de *Outline* (Araújo & Marcellos, 2017). “No entanto, a partir da segunda edição (de *Outline*), ele começou a mudar de ideia sobre o idealismo como uma resposta apropriada para aquelas perguntas sobre a mente que culminaram na eliminação de todas as referências a Lotze na terceira edição” (Araújo & Marcellos, 2017, p. 22). Tanto na segunda edição de *Outline* (1897), quanto no *Text-book* (1910), Titchener está ao lado de Edwald Hering (1834-1918) e de Hermann Von

Helmholtz (1821-1894). Então, destacamos desde já que no auge dos anos de 1860, Hering já era um oponente a Lotze (Herrnstein & Boring, 1971); e Helmholtz um oponente a Hering. A diferença entre Lotze e Hering recai na teoria dos sinais locais, pois, enquanto que para o primeiro todo ponto na retina corresponderia a um sinal local qualitativo e único, para Hering, ao contrário, todo ponto na retina corresponderia, por sua vez, a um sentido espacial de três qualidades, altura, largura e profundidade, respectivas à ordem tridimensional do espaço. Ainda que, no próprio *Text-book*, Titchener venha a diferir em alguns poucos pontos em relação à Hering, de modo geral, a perspectiva assumida por Titchener (1910) é clara: “(...) podemos tomar a explicação de Hering sobre a percepção visual do espaço” (p. 337). Muitas outras referências a Hering constam na segunda edição de *Outline* e no *Text-book*. Sobre suas considerações a respeito da percepção visual do espaço e da natureza da sensação: “O relato mais provável é o do Professor Hering, professor de fisiologia de Leipzig” (Titchener, 1897, p. 55-56). Em contrapartida, a diferença entre Hering e Helmholtz recai na tese de que para este os *inputs* sensoriais são os responsáveis pela origem da sensação e das ideias, de modo que qualquer qualidade ou atributo não poderiam ser dados a priori. Para Helmholtz, representante da corrente antimentalista, a sensação de diferentes cores, por exemplo, dependeria da frequência de vibrações nos três receptores de cores primárias da retina, vermelho, verde, azul-violeta, conforme os estudos da natureza ondulatória da luz de Thomas Young (1773-1829), já em curso na Inglaterra e com o qual Helmholtz parece ter um débito (Titchener, 1910). Nesse sentido, Helmholtz prosseguiu os estudos de Young, mostrando que a natureza ondulatória da luz não é uma característica do raio luminoso, mas do sistema visual humano. É neste sentido que Titchener (1910) declara: “Seguimos o caminho traçado para nós, não pela visão ou pelo toque, mas pela tendência atual do córtex” (p. 330). Assim sendo, vemos como alguns autores teriam influenciado Edward Bradford Titchener a se distanciar do idealismo britânico, aproximando-se cada vez mais do naturalismo epistemológico, o que parece reverberar na seguinte passagem de Herrnstein e Boring (1971): “Quase todos os empiristas da época eram parcialmente nativistas, e quase todos os nativistas acabavam por voltar-se para a experiência para dar os toques finais num sistema espacial que, segundo pensavam, tinha sido dado *a priori*” (p. 166). De acordo com os autores, as duas escolas estavam mais próximas do que supunham. “Na realidade, não existe uma diferença tão grande entre o nativista e o empirista, embora os ásperos adversários da década de 1860 pensassem o contrário” (p. 181). No entanto, conforme Araújo e Marcellos (2017): “Até agora, a literatura reconheceu apenas a influência da tradição empirista sobre seu projeto psicológico” (o de Titchener) (p. 12). A grande contribuição de Araújo e Marcellos (2017) foi mostrar como a tradição do pensamento idealista do séc. XIX está presente nas origens dos trabalhos de Titchener, mas teria passado despercebido pela historiografia. Por que, então, seu sistema recaiu, com frequência, nessa indistinção

epistemológica?

Provavelmente, ao incorporar perspectivas mais naturalistas, especialmente, em seu *Text-book*, no qual as referências a Charles Darwin (1809-1882) e a Herbert Spencer (1820-1903) aparecem com mais frequência, ao mesmo tempo em que se aproximou do empirismo de Edwald Hering e do materialismo de Hermann V. Helmholtz, os traços epistêmicos de ordem idealista presentes em seu sistema de psicologia experimental desapareceram na historiografia moderna. Sobretudo, a partir de quando o aparente empirismo de Hering se misturou com o naturalismo epistemológico, passando a orientar a direção teórico-metodológica de sua obra. Sendo assim, em resposta à questão já levantada no artigo de Araújo e C. Marcellos (2017), após a primeira edição de *Outline* (1896), Titchener mostra aproximações com Edwald Hering para quem, em contrapartida, a espacialidade é um dado *a priori*. No entanto, a este respeito, Edward Titchener aponta uma discordância com o autor sobre o atributo de profundidade, definido por Hering como uma propriedade inata da percepção visual, enquanto que para Titchener (1910) trata-se apenas de um ato de sensação. No tocante a essa questão, Titchener comprehende a profundidade como uma qualidade primária da percepção espacial, assim como atribuiu a questão da intensidade de Wilhelm Wundt (1832-1920) a uma qualidade primária da duração. Vejamos:

O que deve ser dito na crítica? Contra Wundt, principalmente, isso: que a teoria não explica. Dizer que o espaço resulta da fusão de qualidade e intensidade, por mais plausível que seja a afirmação, é nos deixar com um mistério; em nenhum outro lugar, em toda a gama da psicologia, a concorrência de atributos dá origem a uma forma absolutamente nova de consciência (referência ao paradigma da síntese criativa). E contra Hering, isto: que a teoria (referindo-se à profundidade como qualidade primária do espaço) é, psicologicamente, impossível (Titchener, 1910, p.338).

Verificou-se nesse debate o problema do espaço-tempo no projeto de psicologia experimental de Edward Titchener, que vai adquirir repercussões irreconciliáveis. Observamos na trajetória acadêmica do autor desde Cornell, as rupturas com o idealismo britânico; as dissidências com Leipzig; e as concorrências paradigmáticas que estabeleceu com o funcionalismo americano e com o behaviorismo metodológico à guisa de muito desgaste com a APA (*American Psychological Association*). Num texto de 1921, sob o título “Brentano and Wundt: Empirical and Experimental Psychology”, o psicólogo inglês extroverte suas diferenças com o estruturalismo wundtiano, sem margens à dúvida: “Wundt não dá à psicologia uma questão distinta e peculiar” (Titchener, 1921, p. 8), justamente, por privilegiar o atributo da duração da consciência.

Edward Titchener, em contrapartida, esteve ao lado de um naturalismo de base mais fisiológica do que evolucionista e com o qual manteve laços epistemológicos duros até o fim de sua vida. O historiador da psicologia William Sahakian (1975), no livro *History and systems of psychology*, cita a carta de Edward Titch-

ner ao psicólogo Abraham Aaron Roback (1890-1965), em primeiro de fevereiro de 1923: “Eu sou muito decididamente um psicólogo inglês, se o adjetivo disso significa nacionalidade; e espero que eu seja a mesma coisa se isso significa um tipo de pensamento” (Sahakian, 1975, p. 355). Cabe à nota a classificação de Titchener como um positivista, tal como feita por Leahy (1994) ou ainda, como um empirista aos olhos de Danziger (1980). Provavelmente, ambos levados por uma leitura do naturalismo britânico confundido com positivismo e empirismo, pois que o próprio naturalismo “pode ser entendido na sua singularidade, independentemente, dos compromissos ontológicos defendidos” (Araújo & Marcellos 2017, p. 25). Com isso, não se pode determinar facilmente que a psicologia naturalista de Edward B. Titchener seja empirista, materialista ou ainda, positivista e, talvez, esteja aí, realmente, uma grande questão ainda de difícil assimilação.

Inspirados em entrar nesse debate, buscamos novas relações conceituais capazes de operar uma restauração historiográfica. Alcançamos, então, a ideia de descontinuidade relacionada ao dueto tempo/verdade, no domínio de uma história que apenas se estrutura no exercício de sua escrita, e por meio dela o passado se torna um campo aberto para ressignificações. Sabemos que as relações entre psicologia e epistemologia são permanentes, e o estudo de epistemologia, por si mesmo, é metodológico e historiográfico. Nesse sentido, investigar o pensamento psicológico de Edward Titchener requer um estudo de epistemologia da história da psicologia na contracorrente de uma historiografia generalizante e enciclopedista. Pois que a proposta epistemológica de Titchener reverbera a longa tradição da história das ideias psicológicas; isso implica que seu pensamento destina uma determinada visão de mundo, a afirmação naturalista da mente, que naufraga no contexto da psicologia norte-americana comprometida com a solução de problemas práticos e nacionais. Titchener representa o fim de uma tradição de pensamento na história da psicologia, águas do passado que significam não apenas a morte do autor, mas um retrato com narrativas titubeantes, haja vista ser comumente tratado como disciplino de Wundt na América à sua imagem e semelhança.

Conta, ainda, a historiografia sobre a passagem de Edward Titchener pelo *American Journal of Psychology*, cujo corpo editorial estava, até então, sob a direção de Stanley Hall, quando o psicólogo experimental americano Karl M. Dallenbach, ex-aluno de Titchener em Cornell: “comprou o jornal e permitiu Titchener ser o único editor de 1921 a 1925” (Hilgard, 1987, p. 76). No entanto, Titchener vem a se demitir conforme as discordâncias paradigmáticas que vão surgindo a respeito das pautas editoriais. O behaviorismo metodológico de John B. Watson vinha em ascensão no projeto antimentalista, assim como os novos estudos com testes mentais, mas Titchener fazia parte de uma antiga guarda, um leão velho para as novas tendências da psicologia norte-americana. *A fortiori*, Edward B. Titchener foi o último naturalista britânico no *hall* dos psicólogos estadunidenses no início do séc. XX.

O choque entre o autor e seu tempo tornar-se-ia, então, inevitável num confronto que também se intensificava por uma anomalia que comprometia seu sistema teórico, e que o levou aos embates institucionais e, por fim, ao esquecimento. Edwin G. Boring (1929), no texto intitulado *The Psychology of Controversy*, comenta sobre a psicologia estadunidense do início do séc. XX, que se desenvolve num contexto de conflito teórico-metodológico entre três falanges, o funcionalismo, o estruturalismo e o behaviorismo. O estruturalismo vinha com Edward Titchener e, no sentido epistemológico, tratava-se, nos termos de Boring (1929), de uma abordagem colonial num contexto em que a América impôs à psicologia o símbolo de sua bandeira arqueada no pragmatismo e funcionalismo, mas que, em contrapartida, não impediu o diálogo entre Leipzig e Chicago, por exemplo.

O funcionalismo de Chicago de base pragmatista enfatiza a consciência no domínio biológico face o idealismo hegeliano do qual o próprio John Dewey (1859-1952), por exemplo, se afastou (Buxton, 1985). De acordo com Dewey (1884), o primeiro estágio no ato do pensamento reflexivo é a tomada de consciência de um problema numa situação indeterminada de adaptação, o conhecido estágio de que alguma coisa está errada. É a consciência de um problema, então, que vai designar a direção da ação.

A história de toda ciência demonstra que muito do seu progresso consiste em trazer luz aos problemas. A carência da consciência de problemas, mesmo mais do que a carência da habilidade de resolvê-los, é a característica de uma mente não científica (Dewey, 1884, p. 2).

Então, por que se chama abordagem funcional? Porque comprehende os pensamentos e ações como funções dependentes da interação entre o organismo humano e o ambiente físico e social. A diferença fundamental entre os funcionalistas que vinham na esteira, tanto de William James quanto de John Dewey, e o estruturalismo de Edward Titchener, diz respeito à ênfase que o primeiro grupo concerne ao pensamento reflexivo como qualidade de profundidade da consciência.

O funcionalismo desenvolve-se nas universidades de Harvard, Chicago e Colúmbia. John Dewey permaneceu em Chicago entre os anos de 1884 e 1904, quando se transfere para Colúmbia, onde estava James McKeen Cattell (1860-1944) como chefe do laboratório de psicologia experimental que, por sinal, foi o primeiro assistente de Wilhelm Wundt no laboratório de Leipzig (Hergenhahn, 1992), e um representante da psicologia de Wundt na América, talvez, mais fiel à proposta wundtiana da consciência do que o próprio Titchener. Nesse sentido, acrescenta Boring (1929), Leipzig tinha como objeto uma teoria da mente humana, assim como Harvard, Chicago e Colúmbia. No entanto, Howard E. Gruber (1980), no texto intitulado *Darwin on Psychology and its relation to evolutionary thought*, corrobora com a hipótese de que o funcionalismo americano se fortalece, institucionalmente, em resposta à psicologia experimental de Edward B. Titchener. Uma constatação que serve bem à seguinte passagem de Bachelard (1996): "É, sobretudo, ao aprofundar a no-

ção de obstáculo epistemológico que se confere pleno valor espiritual à história do pensamento científico” (p. 22). Segundo Thomas Kuhn (2013), “A percepção da anomalia – isto é, de um fenômeno para o qual o paradigma não preparara o investigador – desempenhou um papel essencial na preparação do caminho que permitiu a percepção da novidade” (Kuhn, 1986, p. 85).

Nesse contexto, vale notar o desgaste entre Edward B. Titchener e a APA que acompanhou toda a carreira do autor na Universidade de Cornell. Um desses episódios de desgaste reporta à reunião de seis de abril de 1917, na época, o presidente da APA era o psicólogo Robert Yerkes (1876-1956). A reunião ocorreu na Universidade de Harvard e contou com a presença dos psicólogos estadunidenses de destaque, entre eles, E. Titchener e seu grupo de estudantes chamado de ‘experimentalistas’. O objetivo deste encontro era traçar ações que pudessem aproximar a psicologia estadunidense da campanha da Primeira Guerra Mundial, pois a APA já havia criado comitês para a colaboração com o Ministério da Guerra, tais como as ações de recrutamento de militares centradas na eliminação dos mentalmente incapazes (Leahy, 1994). Duane Schultz e Sydney Schultz (1992) comentam que Edward Titchener “objetou, explicando que era súdito britânico; o mais provável era que não quisesse se envolver com a guerra e aplicar a psicologia a problemas práticos” (p. 204). Como lemos no artigo de Rand B. Evans (1973): “Sua fé no estudo dos conteúdos da experiência permaneceu firme” (p. 178). O contexto da guerra forçou os psicólogos a trabalhar com as portas dos laboratórios abertas para o mundo com vistas a um projeto de psicologia aplicada ao estudo da inteligência e das diferenças individuais. “Segundo um ditado, o séc. XIX terminou em 1914” (Cooper, 2002, p. 437). Assim, se vemos um Titchener antes e depois do seu *Text-book* de 1910: “Em algum momento no período pós-*Text-book*, no entanto, a posição de Titchener mudou, assim como a de Wundt antes dele” (Evans, 1973, p. 179); mas não o suficiente para uma revolução paradigmática (Kuhn, 2013), no contexto em que o século XX, realmente, começou.

### A reconstituição epistêmica

No texto *The Postulates of Psychology*, publicado, originalmente, em 1898, Titchener postula as três ordens da psicologia experimental, morfologia, fisiologia e ontogenia. Assim, há uma clara preocupação metodológica em estabelecer as bases de uma ciência da classificação para a psicologia científica dita não metafísica nem especulativa, o que extroverte, por sua vez, uma resposta às críticas kantianas acerca do empirismo, porque apenas a ciência morfológica da mente afastaria a psicologia das províncias das temporalidades e subjetividades. O estudo morfológico constituiria as bases explicativas dos processos emaranhados da consciência com vistas aos seus elementos originais constituintes. Dessa forma, Titchener (1898) posiciona a psicologia como uma ciência natural com o suporte do absolutismo da física newtoniana, no que reporta ao atributo espacial da consciência. Sua pers-

pectiva epistemológica baseia-se no princípio do associacionismo aplicado ao introspeccionismo laboratorial de reconhecimento das lembranças (Titchener, 1898). Como diz o autor: “Não só, porém, a memória está sujeita a uma ilusão grosseira, mas o ato da memória, mais uma vez, cai na categoria de julgamento, de modo que o próprio experimento pode substituir o mundo do argumento” (Titchener, 1921, p. 114-115); o que lembra muito à máxima newtoniana, “*hypotheses non fingo*”. Outro ponto importante é a distinção que o autor estabelece para a psicologia da sensação sem incluir o fenômeno do sentimento. “Frequentemente, somos informados de que nosso tratamento dos sentimentos e emoções, do raciocínio e do *self* é inadequada; que o método experimental é valioso para a investigação da sensação e da ideia, mas não pode nos levar mais longe” (Titchener, 1898, p. 451). Nossa hipótese é a de que o conceito de extensão em Titchener recebe uma atenção privilegiada em relação aos outros três elementos característicos da sensação, a saber, qualidade, intensidade e duração, pois que, em especial, o conceito de duração vem intimamente relacionado com as noções de sentimento e vontade. Em contrapartida, Titchener entende que o atributo da extensão é uma experiência invariável que independe do fator tempo, já que busca verificar as leis de conservação dos processos básicos da consciência.

No livro *An Outline of Psychology*, Edward Titchener (1897) relaciona a sensação da cor ao atributo da extensão, e a própria extensão o autor relaciona com qualquer outra forma de sensação que advinha da mais leve pressão sobre a pele, pois que, em suas palavras: “nenhuma picada de agulha é tão fina que não represente na consciência alguma extensão de pele. A extensão é uma propriedade invariável das pressões sensoriais visuais e cutâneas” (Titchener, 1897, p. 37). A ideia é a de que um ponto de luz, por exemplo, que não tem extensão, por sua vez, não pode originar a sensação da visão.

Interessante notar que Gaston Bachelard (1970), num texto escrito em celebração ao pensamento de Albert Einstein (1879-1955), oferece uma distinção entre o princípio de conservação que se refere ao realismo empírico e o de invariância que se refere ao racionalismo, pois que enquanto a conservação se liga aos conteúdos, a invariância das leis se liga aos processos formais (Bachelard, 1970). Assim, é interessante notarmos como Titchener (1897) usa o termo “*invariable*” para se referir à extensão como principal atributo da experiência, da visão e do tato. Conquanto, o atributo da intensidade também estaria ligado à extensão sensorial da consciência, pois é a formação da consciência que decorre de uma extensão sensitiva sobre a pele, de tal modo que o processo de reconhecimento do objeto estaria relacionado à retomada de suas propriedades originais, a exemplo de uma nota de piano e do sabor refrescante de uma limonada, ambos, podendo permanecer na consciência por mais tempo, ainda que transcorrido o intervalo de suas durações.

A respeito do método da introspecção, Edward Titchener diz que a introspecção psicológica não consiste em acompanhar o processo de consciência ao longo

do seu curso, mas em permanecer “o mais atento possível ao objeto ou processo que dá origem à sensação e quando o objeto é removido ou o processo concluído, lembre-se da sensação por um ato de memória tão vívida e, completamente, quanto você puder” (Titchener, 1898, p. 40). Uma das características do naturalismo epistemológico é a continuidade entre observação e experimentação (Bachelard, 1996), numa consistência tal que a realidade se forma a partir da coerência pensamento-objeto (Araújo & Marcellos, 2017). A este respeito, o método da introspecção é *post mortem*, querendo dizer que se trata do exame *a posteriori* da consciência, e dos elementos sensoriais presentes no ato da introspecção, desde a etapa da análise à síntese. No entanto, o autor adverte: “Não há garantia que outros indivíduos chegariam às mesmas conclusões vindas do exame de suas consciências; e nenhum meio de comparar as conclusões alcançadas por indivíduos diferentes sob circunstâncias similares (...) nós nunca podemos aplicar o método introspectivo a qualquer consciência, exceto a nossa própria” (Titchener, 1898, p. 41). Essa questão ganha mais compreensão numa das correspondências de Edward B. Titchener e Georgy I. Tschelpanow sobre a formação da psicologia experimental na Rússia entre os anos de 1910 e 1924, no que diz: “Acho que devo ter dito a você, quando você estava aqui, que eu achava impossível em nossa geração escrever um sistema de psicologia. Essa posição eu ainda sigo” (Evans, 1973, p. 179).

Essa concepção está presente no contexto de fundo da obra *Outline* (1897). Por exemplo, quando denota a psicologia como reflexo tardio de amadurecimento da própria humanidade de modo que “em si não pode tomar forma até que a humanidade tenha atingido certo estágio de civilização” (Titchener, 1897, p. 5). A noção de aperfeiçoamento e progresso das ciências não se separa do contexto epistêmico do projeto titcheneriano. Aqui cabe a nota de que Titchener não abandonou John Locke, nem John Stuart Mill, de modo que o que é dado à consciência poderia ser absolutamente real e liberto de contradições.

É nesse sentido que Titchener coloca-se contra à perspectiva voluntarista de Wilhelm Wundt, especialmente, contra a ideia de uma causalidade psíquica de natureza extra psicológica. Segundo o autor, o próprio Wundt, sendo um psicólogo experimental, poderia compreender que a noção de causalidade espontânea da mente recai na metafísica especulativa. Em suas palavras: “Em 1896 Wundt propôs uma teoria tridimensional do sentimento que difere, radicalmente, da visão desse livro” (Titchener, 1928, p. 250). A teoria tridimensional do sentimento e o princípio de apercepção adotados por Wundt não são bem aceitos por Titchener. Em Wundt, o sentimento aparece como um componente subjetivo da ideia geral do duo prazer/desprazer, concebido em três dimensões, agradável-desagradável, tensão-alívio, excitação-calma, de modo que todo sentimento poderia ser localizado em algum desses pontos, mas que a eles não se resume. Em contrapartida, Titchener (1928) declara que o binômio agradável-desagradável, por exemplo, não é uma qualidade afetiva, “mas normas gerais para um grande número de qualida-

des diferentes. E, mesmo assim, os termos não são adequados como descrições introdutórias de nossa experiência afetiva" (Titchener, 1928, p. 250). Em seu *Outline*, sobre a natureza do sentimento, Titchener (1907) descreve quatro grandes classes de sentimentos, que expressariam diferentes formas de julgamento, cujas bases seriam as sensações orgânicas: o intelectual (lógico), o ético (social), o estético e o religioso. Ou seja, se para Wundt o sentimento resultava do princípio da síntese criativa, originando o processo fundador que completa a estrutura psíquica, para Titchener (1907) o sentimento "se desenvolve a partir da emoção" (p. 321), e cujo estado de diferenciação mental retorna à experiência em forma de julgamento (Titchener, 1907). Assim sendo, Titchener também discorda que qualidades diferentes de afeto pudesse surgir de uma variação sensorial no tempo, como pensava Wundt. No que, então, o próprio Titchener (1910) acrescenta:

Mas agora surge a questão crítica: nossa experiência sensorial também não varia no espaço? (...) não é o mundo do espaço tão nativo e tão importante para nós quanto o mundo do tempo. E se for esse o caso, pois sem dúvida, então, a teoria de Wundt é ilógica (p. 251).

Para Edward Titchener, a causalidade do sentimento está ligada ao aspecto espacial do estímulo, e não à vivência temporal da experiência. "Vale ressaltar que Wundt, em seus trabalhos sobre psicologia, estranhamente, negligencia as sensações orgânicas (...), a negligência o levou a transformar em simples afetos o que são, evidentemente, complexos de sensações orgânicas" (Titchener, 1910, p. 253). A duração do sentimento para Wundt é o resultado da qualidade e intensidade das sensações, uma experiência subjetiva nova que se prolonga como duração. William James, por exemplo, trabalha uma conceituação de sentimento assumida pela função subjetiva de todos os estados da consciência. Ou seja, toma o sentimento como a função interna da mente. Uma modalidade de experiência de sentido interno e muito próxima daquela definida por Kant (1786), em *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Para James, o sentimento é a natureza ontológica da experiência psíquica.

De modo contrário a essa perspectiva, Edward Titchener (1928) entende que embora não seja possível a observação de uma mesma consciência duas vezes, "na prática, podemos observar uma consciência particular quantas vezes quisermos, já que os processos se agrupam da mesma maneira e apresentam o mesmo padrão de arranjo sempre que o organismo é colocado nas mesmas circunstâncias" (Titchener, 1928, p. 19). Isso significa que "a maré alta de ontem nunca voltará, e as consciências de ontem nunca voltarão; mas temos uma ciência da psicologia, como temos a ciência da oceanografia" (Titchener, 1928, p. 19).

Ademais, Titchener (1928) se afasta do princípio wundtiano da apercepção em função do princípio da associação, num contexto paradigmático em que "o processo fundador da complexidade psíquica é, pois, a fusão, e não a associação" (Araujo, 2005, p. 99). Titchener não economiza fôlego em estabelecer uma dis-

cussão a esse respeito. Em seu *Text-Book*, o psicólogo inglês vincula o processo de apercepção, adotado por Wundt, a uma criação de semelhanças por complementação de diferenças (contiguidade), ratificando mais uma criação do que associação, pois que “não é um produto da lógica, da reflexão” (Titchener, 1928, p. 394). De acordo com Titchener (1928), Wundt funde os semelhantes e não os retira da lei de associação, colocando “todo o mecanismo de associação no reino da consciência, enquanto parece não haver dúvida de que, em muitos casos, o mecanismo ou uma boa parte dele é puramente fisiológico” (p. 394).

Nesse sentido, para explicar a estrutura da consciência de julgamento, Titchener retorna a Aristóteles. Pensar as categorias do juízo a partir das experiências é uma das heranças aristotélicas presentes no sistema de Edward Titchener. Todavia, concordâncias e aproximações com Wundt também aparecem em muitos momentos do seu *Text-Book*, logo, não há uma ruptura total com o paradigma de Leipzig. Por exemplo: “Não pode haver dúvida de que a descrição de Wundt é válida para certos modos de consciência do pensamento” (Titchener, 1928, p. 541).

Ao mesmo tempo, Titchener se aproxima de Rudolf Lotze, Edwald Hering e Hermann Von Helmholtz, quando se afasta de Wundt, o que, por sua vez, não foi assimilado no mainstream historiográfico da psicologia moderna. Nas palavras de Herrnstein e Boring (1971), “Lotze era meio nativista, pois prestava a Kant a homenagem implícita em sua fé em que a mente tenha certas tendências inerentes para ordenação espacial” (p. 166). Já Hering, apesar de ser um opositor a Lotze, também se manteve ao lado do intuicionismo kantiano. A partir da aproximação com Helmholtz, no entanto, que “é contra o nativismo ou, segundo sua denominação, o intuicionismo de Kant e Hering” (Herrnstein & Boring, 1971, p. 185), os traços idealistas que vinham na esteira de Hering foram nublados pela herança metodológica de Helmholtz em Titchener. Helmholtz já propunha serem as sensações os elementos crus da experiência consciente; ademais, havia estabelecido a hipótese de que a experiência passada converteria a sensação em percepção, de modo que a capacidade de perceber seria resultado de uma experiência prévia de memória. Esta perspectiva está, claramente, presente no método da introspecção sistemática de Titchener (1928), que busca a unidade da experiência noética como uma variação da função do estímulo. “Como observamos a seguir: Existem duas teorias atuais da visão diurna, chamadas, respectivamente, as teorias de Helmholtz e de Hering. Ambos são adequados a uma grande proporção dos fatos” (Titchener, 1928, p. 89). Embora, “nenhuma delas se ajusta aos fatos recém-descobertos; nenhuma se ajusta aos detalhes completos. Ambas, é claro, são teorias fisiológicas, mas Helmholtz aborda a fisiologia por meio da física, Hering, por sua vez, por meio da psicologia” (Titchener, 1928, p.89). E acrescenta: “O relato a seguir concorda, em seus principais contornos, com a visão de Hering” (p. 90). Ao mesmo tempo, vemos a teoria titcheneriana, fortemente, vinculada ao método de Helmholtz para o controle e correção dos erros de estímulo, que parece estar ligado a um ajuste

com a fenomenologia. Em seu artigo *Experimental Psychology: a retrospect*, escrito dois anos antes de sua morte, Titchener (1925) diz: "A fenomenologia ainda não é, não é por si só, psicologia experimental; mas ela fornece hoje um modo seguro e certo de abordagem à análise de nosso assunto psicológico" (p. 323). "Eu mesmo não acredito que a psicologia empírica seja adequada para essa função mediadora (...) deveríamos estar em terreno mais firme na lógica (...) para uma fenomenologia do organismo psicofísico, o homem inteiro" (Titchener, 1925, p. 320). Segundo Rand B. Evans (1973), depois da estadia de Kurt Koffka em Cornell, "encontramos um tom decididamente mais suave em relação à psicologia da Gestalt" (p. 178). Contudo, no artigo *The Schema of Introspection*, Titchener (1912) escreve sobre a fenomenologia mais como uma força epistemológica do que uma síntese pré-psicológica. Assim, garante o autor que a sua fenomenologia emana de uma epistemologia anterior da experiência original com utilidade para a descrição psicológica. "O psicólogo também pode recorrer à fenomenologia após o evento, depois de ter concluído sua própria primeira análise, como uma verificação adicional sobre a descrição motivada e mais técnica" (Titchener, 1912, p. 490). E claro: "A fenomenologia que tenho em mente é (...) a de Husserl, e não a de Brentano e Stumpf" (p. 490), marcando os limites de um possível acordo fenomenológico entre psicologia e lógica (o erro de estímulo): "Eu disse que esse fato torna natural para o psicólogo confundir descrição e explicação, fato e significado. Pois, por um lado, isso o tenta a hipotetizar as abstrações da lógica; a inventar processos de conteúdo de relação, de julgamento, etc" (p. 499).

Assim, vemos uma reconstrução da área de estudos realizada por Titchener, que reflete uma síntese teórica e metodológica do seu sistema de psicologia experimental, assimilando novos princípios que alteram as generalizações historiográficas que o levaram ao esquecimento. Vamos, agora, em busca dessa questão tão fundamental, o que comprometeu a memória titcheneriana pós-Titchener? Façamos, então, uma incursão sobre como o personagem Titchener, no campo de suas relações, foi se tornando um ponteiro parado na *Nova Psicologia* com a qual não esteve disposto a sincronizar. Havia se tornado *uma ideia fora de lugar*. Vamos começar a próxima seção, procurando caracterizar o obstáculo titcheneriano de uma perspectiva institucional das tradições e da nova cultura científica do séc. XX.

### A reconstituição prosopográfica

Indagamos, então, por que o projeto de psicologia experimental de Edward Titchener recaiu numa historiografia de tendência enciclopedista e generalista, sob a perspectiva nacionalista da psicologia estadunidense, que se impôs de modo anticolonial às tradições inglesas e alemãs. As rivalidades imperialistas de ordem geográfica e econômica entre EUA e Alemanha determinaram os novos impulsos culturais dos processos históricos no início do séc. XX, sobretudo, a partir do capitalismo americano sob a direção do Norte industrial que, neste momento histórico,

havia vencido a guerra de Secessão contra os agrários do Sul. Em decorrência, entre os anos de 1890 e 1921, mais precisamente, os Estados Unidos ultrapassaram economicamente as potências europeias, estendendo seu poder na América Latina, o que veio a acirrar conflitos mundiais de ordem imperial responsáveis pelas crises paradigmáticas e algumas rupturas conceituais.

O estudo do caso Titchener e o destino da sua obra ilustram como uma disciplina científica pode extinguir-se se não assegurar a sua existência por meio de novos estudantes, novas gerações (Kuhn, 2013), que formam o papel social que a ciência adquire no círculo científico. “A ciência não vive por si própria, baseada apenas na força das suas qualidades intelectuais”(Kragh, 2001, p. 195). Assim, o método prosopográfico da história da ciência reveste-se de relevância para o estudo da memória titcheneriana na historiografia da psicologia moderna com ênfase “nos processos sociais envolvidos no desenvolvimento da nova disciplina, tais como hierarquia, recrutamento, comunicação e estatuto” (Kragh, 2001, p. 195). Sobretudo, porque um quadro como este “da estrutura de uma comunidade científica durante um determinado período (...) nada diz acerca do conteúdo da ciência” (Kragh, 2001, p. 195). “A competição entre paradigmas não é o tipo de batalha que possa ser resolvido por meio de provas” (Khun, 2001, p. 164). Vemos, por exemplo, que os escritos de Titchener não absorvem as mudanças culturais de seu tempo, que nos termos de Thomas Kuhn (2013), por exemplo, poderia ilustrar um caso clássico de crise da ciência normal, que a historiografia da história da psicologia moderna tratou de superar, leia-se esquecê-lo, não fosse seu caráter aristocrático em terras americanas, que somado a um possível sentimento de rejeição, acirraram as controvérsias e o desgaste titcheneriano. O patriotismo leal de Titchener à Grã-Bretanha parece se misturar com o fato de nunca ter sido um *Fellow* da *Royal Society of London*. Ademais, segundo um artigo de Charles Myers (1928), publicado um ano após a morte de Titchener, no *The British Journal of Psychology*, nem mesmo Wilhelm Wundt “conheceu intimamente em Leipzig” (p. 461). Um tipo de questão, notadamente, pouco acessível fora da psicanálise do conhecimento científico (Bachelard, 1996). Todavia, sabemos também que, como um homem inglês nos Estados Unidos, “ele era inelegível para admissão na Academia Nacional de Ciência” (p. 461). Ao mesmo tempo, de acordo com Myers (1928), “Titchener em relação à psicologia mostrou relativamente pouca mudança ao longo de sua vida, apesar do rápido progresso e desenvolvimento do assunto (...) tinha pouco interesse em diferenças mentais individuais, em Behaviorismo, Gestalt psychologie, testes mentais ou em psicologia aplicada” (p. 463). Nesse sentido, as transições de paradigma que caracterizaram o início do séc. XX constituem uma revolução científica (Kuhn, 2013), que Titchener resistiu ao que pode. Por essa resistência, Gaston Bachelard (1996) o denominaria de espírito pré-científico. “Falta-lhe o percurso teórico que obriga o espírito científico a criticar a sensação” (p. 127). Ou ainda: “Essa alternativa é mais que um fato. É necessidade de dinamismo psico-

lógico. Por isso, toda filosofia que limite a cultura ao Realismo ou ao Nominalismo representa os mais terríveis obstáculos para a evolução do pensamento científico" (Bachelard, 1996, p. 302). Em terceiro lugar, diz o autor, "consideraríamos o ano de 1905 como o início da era do novo espírito científico, momento em que a Relatividade de Einstein deforma conceitos primordiais que eram tidos como fixados para sempre" (Bachelard, 1996, p. 9). Nesse contexto, Rand B. Evans (1973) retoma um fato significativo da biografia científica de Titchener: "Portanto, o sistema de 1925-1927 era muito diferente daquele de 1910, tanto na organização quanto no método, embora seja possível ver o Titchener posterior por meio de uma análise cuidadosa do anterior" (Evans, 1973, p. 179). Por exemplo, o fato de conceber a fenomenologia na altura dos anos 20; ter rejeitado-a dez anos antes; e o simples aspecto de ter substituído a ênfase existencial para um enfoque, completamente, sensorial (Evans, 1973), não é suficiente para afirmar que teria ocorrido uma mudança de paradigma (Khun, 2013) ao longo da obra titcheneriana, nem a formação do espírito científico moderno (Bachelard, 1996) em seu núcleo biográfico. A mudança de paradigma para Kuhn e a ruptura paradigmática para Bachelard possuem, ambas, a concepção comum de que se trata de uma modificação mais da forma do que do conteúdo; mais abstrata do que concreta.

A nova psicologia que nascia nas universidades de Chicago e Colúmbia, em especial, com os trabalhos de John Dewey e suas contribuições para as metodologias de investigação em ciências sociais e ciências humanas, e nelas, o filósofo americano insere a psicologia, refletindo o contexto epistêmico em que a proposta naturalista da psicologia titcheneriana avançava na contracorrente. No início do séc. XX, a Nova Psicologia nascente dos Estados Unidos refletia o espírito funcionalista do pragmatismo, sobretudo, uma psicologia comprometida com o paradigma das ciências sociais aplicadas, tal como aparece na metapsicologia de John Dewey a respeito da relação entre consciência reflexiva, solução de problemas e significação de ordem histórica (Brinkmann, 2011), assumida pelo filósofo como, fundamentalmente, necessária ao nexo ontológico dos valores e dos sentidos das experiências de mundo, na esteira das ciências do espírito de Wilhelm Dilthey. Ademais, o início do séc. XX é marcado por uma desvinculação entre a verdade reflexiva e a verdade sensível, isto é, uma ciência que buscava ir além dos dados imediatos da experiência. A esse respeito, lemos em Bachelard (1996): "Vamos começar nossa investigação caracterizando esse obstáculo e mostrando que há ruptura, e não continuidade, entre a observação e a experimentação" (p. 25). Tal tendência se expressou no impacto do novo princípio da relatividade geral de Albert Einstein nas academias de todo o mundo e no senso popular das sociedades que assimilaram o  $E=mc^2$  desde as artes em grafite às filosofias de Bergson e Bachelard. "Na relatividade, os termos da dialética sofrem uma sólida coesão ao ponto de se pressentir uma *síntese filosófica do racionalismo matemático e do empirismo 'tecnológico'*" (Bachelard, 1970, p. 566); "primeiro, a intuição de um observador não tem cará-

ter absoluto; segundo, a extensão de um mundo objetivo não tem caráter absoluto” (p. 569). Com efeito, Bachelard (1996, 1970), ao examinar a evolução do espírito científico, o faz em referência ao método dialético de aspecto criador, ou seja, uma ordem abstrata mais aberta que a bergsoniana; mais dinâmica do que empírica; mais descontínua do que uniforme. “Insistiremos no fato de que ninguém pode arrogar-se o espírito científico enquanto não estiver seguro, em qualquer momento da vida do pensamento, de reconstruir todo o próprio saber. Só os eixos racionais permitem essa reconstrução” (Bachelard, 1996, p. 10). Ou seja, as novas unidades epistêmicas que surgiam sob o signo da relatividade e da probabilidade revertem o mundo pensado, o mundo da compreensão, a respeito da perspectiva determinista de conhecimento, o mundo da extensão, e o plano euclidiano do espaço, com o qual Titchener estava sincronizado.

Nesse mesmo sentido, Dewey (2001), em seu livro, *Democracy and Education*, publicado em 1938, procura uma fundação para as bases do pensamento reflexivo e a encontra na dimensão temporal da relatividade, a exemplo: “ele (o historiador) não pode dar um relato cuidadoso da guerra salvo enquanto ele preserva a sequência de tempo; o significado de cada ocorrência, conforme ele lida com ela” (p. 153). Mais adiante, reafirma: “Coisas remotas no espaço e no tempo afetam as questões de nossas ações tanto quanto as coisas que podemos cheirar e manusear. Elas realmente nos interessam e, consequentemente, qualquer relato delas que nos ajude a lidar com as coisas que temos em mãos cai na experiência pessoal” (p. 195). Nessas passagens, está clara a relação entre espaço, tempo e subjetividade no sistema do autor. No entanto, se em John Dewey a consciência corresponde à significação dos eventos no curso de suas reconstruções temporais, para Titchener, a consciência corresponde à ordem fisiológica de sensações organizadas no ato mental da introspecção sistemática após o curso do evento.

Fechando esse cerco epistêmico, as relações entre espaço, tempo e subjetividade tornaram-se matrizes de um mundo que passava a constituir a experiência pensada. A este respeito, se as diferenças entre os gestaltistas de Wurzburg e o Wundt de Leipzig se acentuavam em rivalidade, o que dizer do estruturalismo de Titchener em Cornell em relação a ambas as tradições?

A partir do início do séc. XX, a questão do tempo tornou-se central para uma epistemologia da experiência humana, e as escolas acadêmicas de todas as áreas do conhecimento assimilaram bem o novo paradigma espaço-temporal, mas Titchener era um homem da velha Inglaterra e não dos novos tempos, estando cada vez mais isolado no uniforme de uma escola distante.

John B. Watson (1878-1958), no texto *Psychology as the behaviorist views it*, de 1913, expressa uma acentuada crítica à psicologia sensualista de Edward Titchener, apontando a sua inutilidade epistêmica com base na conclusão: “o conceito de sensação é inutilizável, seja para a proposta de análise ou daquela de síntese” (p. 3). O ataque recai, diretamente, no objeto e no método, como, por exemplo,

uma psicologia voltada para a busca das qualidades das sensações auditivas e suas extensões ou ainda, sobre a experiência da cor e suas intensidades, nos termos de Watson, “caóticas”.

Conquanto, não apenas o titchenerianismo torna-se objeto de crítica do behaviorismo, mas também o funcionalismo da consciência com ênfase nas sensações, percepções, afetos, emoções, volições, “ainda mais enganosos quando vistos pelo ângulo da função e, especialmente, quando a função é obtida pelo método de introspecção” (Watson, 1913, p. 3). O behaviorismo como uma nova disciplina de psicologia se desenvolve na Universidade de Johns Hopkins a partir de 1908, quando John Watson termina seu doutorado em Chicago e assume o cargo de professor de psicologia nesta universidade com 29 anos. A psicóloga Alexandra W. Logue (1985), num texto intitulado *The origins of behaviorism: antecedents and proclamation*, ressalta o caráter popular do behaviorismo desde o seu surgimento como uma psicologia voltada para o público. Ainda a esse respeito, a autora nos conta:

Watson não tinha dado ainda um nome para o seu movimento ou uma detalhada exposição dos seus princípios, embora as ideias estivessem lá. O que ele encontrou em Johns Hopkins foi um número de colegas que tinham inclinação behaviorista. Foi nesse terreno fértil que o behaviorismo, finalmente, criou raiz (Logue, 1985, p. 162).

Entre John Watson e Edward Titchener sobressai a figura do psicólogo Walter Bowers Pillsbury (1872-1960), que concluiu seu doutorado sob a orientação de Edward Titchener na Universidade de Cornell no ano de 1896, e é citado com otimismo por Watson (1913): “Fiquei muito surpreso algum tempo atrás, quando abri o livro de Pillsbury e vi a psicologia definida como a “ciência do comportamento” (p. 3). Numa segunda vez, Watson (1913) cita Pillsbury: “Eu acredito que podemos escrever uma psicologia definida como Pillsbury fez, e nunca retornemos de nossas definições” (p. 3).

O psicólogo americano Walter Richard Miles (1885-1978) escreveu uma biografia de Walter Bowers Pillsbury, publicada pela *National Academy of Sciences* no ano de 1964, na qual, como vemos de costume, apresenta Titchener sendo um “estudante dedicado e seguidor de Wundt” (Miles, 1964, p. 272), enquanto descreve Pillsbury como um “acadêmico em ascensão” no cenário da psicologia americana.

Pillsbury, o destacado assistente do laboratório de psicologia experimental de Cornell, havia publicado, na primavera de 1897, junto com Titchener a tradução para o inglês do livro de Oswald Külpe, *Einleitung in die Philosophic (Introduction to Philosophy)*, com boa repercussão na nova geração de psicólogos americanos. “Essa publicação contribuiu muito para sua reputação como um acadêmico em ascensão no novo campo da psicologia experimental” (Miles, 1964, p. 273). Apesar de ter recebido ofertas para permanecer e lecionar em Cornell, “escolheu Michigan e isso provou ser uma escolha para vida” (p. 273). Titchener, ao contrário: “Sua fidelidade a Cornell o levou a recusar tanto a oferta da cadeira de Münsterberg em Harvard em 1917, quanto a presidência da Clark University, que ficou vaga com a

aposentadoria do falecido Stanley Hall" (Myers, 1928, p. 461). A psicologia que se desenvolvia na Universidade de Michigan já havia sido tocada pelos trabalhos de John Dewey (Miles, 1964), numa atmosfera de pesquisa próspera que Pillsbury soube aproveitar.

Ele tinha uma sensibilidade especial ou intuição sobre como seguir o caminho científico e não ser levado por atalhos, e ele podia, engenhosamente, fazer dos seus esforços científicos um duplo esforço para fornecer dados para estudos de (...) problemas complexos do comportamento humano (Miles, 1964, p. 275).

No ano de 1911, Pillsbury publica o livro comentado por Watson, denominado *The Essentials of Psychology*, e logo na primeira página da obra temos a passagem que Watson (1913) também chamou de surpreendente: "Nós medimos a inteligência de um animal por suas realizações. A mente é conhecida a partir das atividades humanas. A psicologia pode ser mais, satisfatoriamente, definida como a ciência do comportamento humano" (Pillsbury, 1911, p.1). De acordo com Miles (1964) "esta definição foi um avanço para a psicologia. Pareceu trazer o assunto da névoa para a luz do sol" (p. 279).

A elegância da obra *The Essentials of Psychology*, de Pillsbury (1911), reflete certa harmonia entre o autor e o espírito científico de sua época. Sendo assim, como comenta o psicólogo francês Pierre Vermesch (1999), no artigo intitulado *Introspection as practice*: "Parece-me que a experiência subjetiva a partir de então é levada em conta de modo a abrir um novo programa que não deve mais ser pensado como, simplesmente, complementar à pesquisa" (p. 17).

A historiografia mostra que Titchener ignorou o fato de que a introspecção sistemática aplicada à coleta de informações sensoriais a partir da experiência faz uso de processos cognitivos vinculados à própria subjetividade pré-reflexiva. Ora, assim, diz Vermesch (1999): "Titchener colocou questões a respeito da descrição da prática da introspecção sem dar uma resposta satisfatória" (p. 20). Pois, para trabalhar com a descrição "é necessário levar em conta o ato em si como uma experiência subjetiva" (p. 20). Pierre Vermesch (1999) conta-nos a vez que John Wallace Baird (1869-1919), aluno de Titchener, apresentou no Congresso da APA de 1913 o método introspectivo, em especial, o empreendimento de investigação das sensações cinestésicas realizado em Cornell, o que gerou no público uma incompreensão geral, comentada por Baird nos seguintes termos: "uma descrição taxonômica enfadonha de eventos sensoriais que, por não sugerirem nenhum valor funcional para o organismo, foram, particularmente, desinteressantes para o temperamento científico americano" (Vermesch, 1999, p. 16).

Edward Bradford Titchener é o psicólogo inglês que treinou mais de cinquenta alunos de doutorado (Benjamin Jr., 2006), muitos dos quais viriam a abrir seus próprios laboratórios, ao passo que fez do Departamento de Psicologia Experimental de Cornell a fortaleza de sua própria psicologia, "protegendo sua pureza dos infieis os quais Titchener sentia que constituíam a maioria da psicologia americana"

(Benjamin Jr., 2006, p. 126). Ao mesmo tempo, parece que foi se tornando insuperável as relações de conflito entre Titchener e a APA. As reações ao trabalho de John Wallace Baird apresentado no Congresso de 1913, por exemplo, e a recusa de Titchener em colaborar com as novas ações da APA, propostas naquela reunião do seis de abril de 1917, clarificam o contexto de fundo no qual Titchener foi se fechando, visando estratégias de ruptura com a Associação de Psicologia Americana.

O desgaste vinha desde o ano de 1904, quando Edward Titchener fundou a sociedade de psicólogos experimentais de Cornell destinada à participação seleta de um grupo fiel a sua psicologia experimental, procurando com isso fazer frente à APA (Benjamin Jr., 2006). Curioso é o caso do mês de janeiro de 1904, quando Edward Titchener envia uma carta, aproximadamente, para vinte psicólogos, convidando-os a serem membros do grupo, entre esses: James Angell (1869-1949), James Mackeen Cattell (1860-1944), Raymond Dodge (1871-1942), Joseph Jastrow (1863-1944), Charles Judd (1873-1946), Hugo Münsterberg (1863-1916), Howard Warren (1867-1934), Lightner Witmer (1867-1956). Este capítulo da história é contado por Benjamin Jr. (2006): “Muitos dos convidados ficaram preocupados que esta nova organização pudesse remover a psicologia experimental do domínio da *American Psychological Association*. Angell, Jastrow, Judd, Münsterberg e outros escreveram a Titchener expressando suas preocupações sobre o potencial conflito com a APA” (p. 126-127). E ainda: “Warren estava tão chateado sobre o conflito que se recusou a participar das reuniões do novo grupo de Titchener durante os três primeiros anos de sua existência” (Benjamin Jr., 2006, p. 127). Desde o início em Cornell, Titchener inicia um embate institucional com a APA, propondo a formação de uma segunda associação, designada pelo nome, *American Society for the Advancement of Experimental Psychology* (Benjamin Jr., 2006, p. 126). Curiosa, ainda, é a resposta do psicólogo canadense August Kirschmann (1860-1932) a respeito do título do grupo, recomendando a retirada do sufixo ‘americano’. Já “na segunda carta de Titchener para o grupo aquele termo havia sumido” (Benjamin Jr., 2006, p. 127). O grupo ficou, de fato, mais conhecido como “experimentalistas de Titchener”, mas não estranharia que o chamássemos de ‘titchenerianos’. Nota-se a liderança ortodoxa de um grupo elitista sem aceitação de mulheres. Margareth Floy Washburn (1871-1939), por exemplo, que havia sido admitida em Cornell no ano de 1891 e defendeu seu PhD em 1894, sob a orientação de Titchener, chegou ao instituto em 1892, mas não chega a participar do grupo. Sabemos também que as questões burocráticas se tornavam, com frequência, a pauta principal das reuniões. “John Watson ficou tão desencantado com as frequentes discussões desses encontros que parou de frequentar” (Benjamin Jr., 2006, p. 127). E por longos anos o grupo se manteve sob a direção de um psicólogo inglês que fez frente direta ao behaviorismo metodológico, ao funcionalismo da psicologia aplicada, à *Volkerpsychologie* de Wundt e à escola dos gestaltistas de Wurzburg. Em meio a esse contexto epistemológico tumultuado, Edward Bradford Titchener recebe a homenagem de seu

ex-aluno e colega Edwin G. Boring (1886-1968), no prefácio do livro, *History of Experimental Psychology*, de 1950: “A dedicatória desse livro a Edward Titchener não é menos apropriada agora do que em 1929” (p. XVI). Do mesmo modo, Edwin Boring e Karl Dallenbach (1887-1971) facilitaram para que Raymond Dodge, integrante do grupo de Titchener em Cornell, assumisse a direção da mesa redonda em psicologia experimental que foi introduzida nos congressos da APA a partir de 1923. Tratou-se de uma ação dos três em apoio a Titchener. Após a sua morte no ano de 1927, as reuniões da APA com espaço para os “experimentalistas” foram, então, suspensas. (Benjamin Jr., 2006, p. 128).

### **Considerações Finais**

Nas páginas precedentes, realizamos uma análise reconstitutiva em três níveis: a reconstituição histórica, visando à restauração historiográfica do autor; a reconstituição epistêmica do projeto titcheneriano; e a reconstituição prosopográfica da disciplina de psicologia experimental, no contexto institucional da psicologia moderna. Assim, observamos que as proposições de psicologia experimental de Edward Titchener conjectura as suas relações institucionais e conflituosas de poder, uma vez que constitui o pano de fundo de uma atitude dogmática e de uma escalada solitária, naquilo que considerou por si-mesmo o único caminho da psicologia. Parece confirmar ainda que “outros cientistas dependem de idiossincrasias de natureza autobiográfica ou relativas à sua personalidade” (Kuhn, 2013, p. 167). Por isso mesmo, buscamos retomar a importância da disciplina científica de Edward Titchener na história da psicologia moderna, num trabalho de interface entre a história da ciência e a filosofia da ciência. Todavia, a ênfase epistemológica aqui destacada estabelece o compromisso com a reconstituição de questões e tradições presentes nesse importante capítulo da biografia acadêmica de um psicólogo inglês que sincronizou seu projeto de psicologia mais com a sua terra do que com os novos tempos. Contudo, diz Thomas Khun (2013): “A resistência de toda uma vida, especialmente por parte daqueles cujas carreiras produtivas comprometeram-nos com uma tradição mais antiga da ciência normal, não é uma violação dos padrões científicos, mas um índice da própria natureza da pesquisa científica” (p. 167). De uma perspectiva dialética, a função da abordagem atomística da psicologia titcheneriana, na história da psicologia, reside em participar, historicamente, do que levou à descoberta de sua própria anomalia. Poderíamos, então, perguntar se a ciência, tal como é pensada e usada, é tão importante, historicamente, como a ciência concebida pela formação do espírito científico?

Não obstante, o movimento dos experimentalistas do laboratório de Cornell não tem muito em comum, por exemplo, com a tendência principal da psicologia estadunidense, com os interesses científicos e políticos da APA e com o clima cultural da primeira guerra mundial. Sem dúvida, o *establishment* acadêmico do séc. XX estabeleceu uma nova dinâmica de poder social no domínio da verdade científica.

fica (Kragh, 2001), ao mesmo tempo, surgiu um novo espírito científico (Bachelard, 1996; 1970), que rompeu tradições, como a do racionalismo puro e do realismo empírico. Em vida e obra, Edward Titchener foi o autor que defendeu a unidade absoluta do espaço no centro da experiência psicológica, no termômetro de um século que descobria o espaço-tempo *continuum*. Um profundo desencaixe em relação ao novo espírito científico de 1905. Só que personagens dessa magnitude, capazes de realizar tal frente napoleônica, como a que significou o obstáculo titcheneriano, não aparecem sempre na história, e por isso mesmo, seu lugar na historiografia é inapagável.

## Referências

- Araujo, S. de F. & Marcellos, C. F. (2017). From classicism and idealism to scientific naturalism: Titchener's Oxford Years and their impact upon his early intellectual development. *History of Psychology*, 20(2), 1-42. <https://doi.org/10.1037/hop0000059>
- Araujo, S de F. (2006). Wilhelm Wundt e o estudo da experiência interna. In M. J. Vilela; A. A. L. Ferreira & F. Portugal. *História da psicologia: rumos e percursos*. (pp. 93-104). Rio de Janeiro, Nau Ed.
- Bachelard, G. (1996). *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro, Contraponto.
- Bachelard, G. (1970). The Philosophic dialectic of the concepts of relativity. In P. A. Schilpp (Ed.). *Albert Einstein: Scientist-Philosopher* (pp. 563-580). Inc., Vol. VII. Library of Living Philosophers, New York.
- Benjamin, L. T. Jr. (2006). *History of psychology in letters* (2<sup>a</sup>. ed.). Oxford (UK), Blackwell Publishing.
- Boring, E. G. (1950). *History of experimental psychology*. New York, Appleton-Century-Crofts.
- Boring, E. G. (1929). The psychology of controversy. In E. R. Hilgard (Ed.). *American psychology in historical perspective* (pp. 233-250). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/10049-013>
- Brinkmann, S. (2011). Dewey's neglected psychology: Rediscovering his transactional approach. *Theory & Psychology*, 21(3), 298-317. <https://doi.org/10.1177/0959354310376123>
- Buxton, C. (1985). *Points of view in the modern history of psychology*. London, Academic Press.
- Cooper, D. (2002). *As filosofias do mundo: uma introdução histórica*. São Paulo,

Edições Loyola.

Danziger, K. (1990). *Constructing the subject: historical origins of psychological research*. Nova York, Cambridge University Press.

Danziger, K. (1980). The history of introspection reconsidered. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 16, 241-262. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(198007\)16:33.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/1520-6696(198007)16:33.0.CO;2-0)

Dewey, J. (2001). *Democracy and education*. The Pennsylvania State University, A Penn State Electronic Classics Series Publication. [https://archive.org/details/DemocracyAndEducation\\_201507](https://archive.org/details/DemocracyAndEducation_201507)

Dewey, J. (1884). The new psychology. *Andover Review*, 2, 278-289. <https://psychclassics.yorku.ca/Dewey/newpsych.htm>

Evans, R. B. (1973). Titchener and his lost system. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 8(2), 168-180. [https://doi.org/10.1002/1520-6696\(197204\)8:23.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/1520-6696(197204)8:23.0.CO;2-0)

Gruber, H. E. (1980). Darwin on psychology and its relation to evolutionary thought. In R. W. Rieber & K. Salzinger. *Psychology: theoretical-historical perspectives* (pp. 145-174). New York, New York Academy of Sciences.

Hatfield, G. (2012). Koffka, Köhler, and the ‘‘crisis’’ in psychology. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, 43, 483-492. <https://doi.org/10.1016/j.shpsc.2011.11.005>

Hergenhahn, B. R. (1992). *An Introduction to the history of psychology*. Belmont/California, Wadsworth Publishing Company.

Hilgard, E. R (1987). *Psychology in America: a historical survey*. San Diego, Harcourt Brace Jovanovich.

Kuhn, T. (2013). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva.

Kragh, H. (2001). *Introdução à historiografia da ciência*. Porto, Porto Editora.

Leahy, T. H. (1994). *A history of modern psychology* (2<sup>a</sup> ed.). New Jersey, Englewood Cliffs.

Logue, A. W. (1985). The origins of behaviorism: antecedents and proclamation. In C. Buxton. *Points of view in the modern history of psychology* (pp. 141-167). London, Academic Press.

Miles, W. R. (1964). Walter Bowers Pillsbury: a biographical memory. Washington. National Academic of Sciences. <https://www.nasonline.org/publications/biographical-memoirs/memoir-pdfs/pillsbury-walter.pdf>

- Myers, C. (1928). Edward Bradford Titchener 1867-1927. *The British Journal of Psychology, XIII*, 460-463. <https://ia903005.us.archive.org/12/items/b30627138/b30627138.pdf>
- Pillsbury, W. B. (1913). *The essentials of psychology*. New York, Mcmillan.
- Sahakian, W. S (1975). *History and systems of psychology*. New York, Halsted Press.
- Schultz, D. & Schultz, S. (1992). *História da psicologia moderna* (5a. ed.). São Paulo, Cultrix.
- Titchener, E. B. (1928). *A Text-Book of psychology*. Nova York, The Macmillan Company.
- Titchener, E. B (1925). Experimental psychology: a retrospect. *The American Journal of Psychology, XXXVI*(3), 313-323. <https://www.jstor.org/stable/1414159>
- Titchener, E. B. (1921). Brentano and Wundt: empirical and experimental psychology. *The American Journal of Psychology, 32*(1), 108-120. <https://doi.org/10.1037/11643-001>
- Titchener, E. B. (1912). The schema of introspection. *The American Journal of Psychology, XXIII*(4), 487-508. <https://www.jstor.org/stable/1413058?origin=crossref>
- Titchener, E. B. (1898). The postulates of a structural psychology. *The Philosophical Review, 7*(5), 449-465. <https://doi.org/10.2307/2177110>
- Titchener, E. B. (1897). *An outline of psychology*. Nova York, The Macmillan Company.
- Vermesch, P. (1999). Introspection as practice. *Journal of Consciousness Studies, 6*(2-3), 17-42. <https://psycnet.apa.org/record/1999-10821-001>
- Watson, J. B. (1913). Psychology as the behaviorist views it. *Psychological Review, 20*(2), 158-177. <https://doi.org/10.1037/h0074428>

**Nota sobre o autor:**

Luciano Fiscina é Pós-doutorado no Instituto de Psicologia da USP. Pós-doutorado no Instituto de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Doutor em Psicologia Social pelo Instituto de Psicologia da USP. Mestrado em História da Ciência pela PUCSP. Graduado em Psicologia pela Universidade Mackenzie. Atualmente, realiza o pós-doutoramento no Departamento de História da UNESP (Campus de As-

sis). E-mail: [lucianofiscina@yahoo.com.br](mailto:lucianofiscina@yahoo.com.br)

**Data de submissão:** 06.10.2023

**Data de aceite:** 31.08.2024